

A SEMÂNTICA DAS PREPOSIÇÕES PELA ÓTICA DA ECOLINGUÍSTICA

Lajla Katherine Rocha Simião (UFG)

R e s u m o : A Semântica tem sido considerada, conforme Couto (2007), como um dos componentes da gramática menos compreendido pelos estudiosos, por isso, durante muito tempo, foi tratada de forma hostil por alguns linguistas, fato que nos despertou o interesse em pesquisá-la. Dessa maneira, temos dois objetivos, que nortearão esta pesquisa, a saber: apresentar a Semântica a partir da perspectiva integradora da Ecolinguística e exemplificá-la. Para tanto, utilizamos as preposições pela ótica da ecologia das relações espaciais, de acordo com a qual todas elas se reduzem à espacialidade, e não apenas as temporais, mas também as abstratas ou nocionais. Selecionamos, como objeto de análise, algumas redações de pré-vestibulandos produzidas no ano de 2015. Nossa base teórica é a Ecolinguística, que é o estudo das interações da língua com o ecossistema, que pode ser natural, mental ou social. Para apresentar a Semântica a partir de uma perspectiva ecológica utilizamos como principal teórico Couto (2007).

P a l a v r a s - c h a v e : Semântica. Ecolinguística. Preposições.

A b s t r a c t : Semantics has been considered, according to Couto (2007), as one of the least understood components of grammar. For this reason it has been treated in a hostile manner by some linguists, a fact that aroused the interest in researching it. Thus, we have two goals that will guide this research: firstly, to present the Semantics from the integrative approach proposed by Ecolinguistics. Therefore, we will depart from the spatial prepositions as they are represented in the Ecology of Spatial Relations, according to which all of them are reduced to spatiality, not only temporal prepositions, but also abstract or notional ones. We selected as object of analysis some compositions produced in the year 2015. Our theoretical basis is Ecolinguistics, which is the study of language interactions with the ecosystem, which can be natural, mental or social. To present Semantics from an ecological perspective we use as the main theoretical approach proposed by Couto (2007).

Key words : Semantic. Ecolinguistics. Prepositions.

A semântica sempre esteve envolta em uma situação muito complexa ao apresentar uma dificuldade própria em relação à definição de seu objeto, o significado, que não é consensual entre os linguistas. Além disso, essa é uma das áreas que mais tardou a ser estudada, desenvolvendo-se no campo da linguística histórica e, depois, da gramática, sendo tachada por Greimas (1973, p. 12) como “a parente pobre da linguística”. Aliás, teve também dificuldades em determinar os próprios métodos, que, ainda segundo

Greimas (1973, p.12) foram tomados de empréstimo tanto da retórica clássica quanto da psicologia da introspecção.

Envolta nessas dificuldades, não é para menos que a semântica seja considerada, conforme afirma Couto (2007), como um dos componentes da gramática da língua menos compreendido pelos estudiosos. No entanto, ela é de fundamental importância, pois é pela significação que o mundo se define e se constitui como humano, podendo, assim, ser concebido “na medida que significa alguma coisa” (GREIMAS, 1973, p. 11). Dessa maneira, o objetivo deste artigo é apresentar a Semântica a partir da perspectiva integradora proposta pela Ecolinguística e exemplificá-la. Para tanto, utilizamos as preposições pela ótica da ecologia das relações espaciais, de acordo com a qual todas elas se reduzem à espacialidade, e não apenas as temporais, mas também as abstratas ou nocionais, ou seja, o significado prototípico de toda preposição é espacial. Nesse sentido, Couto (2010) afirma que as preposições não são desprovidas de sentido. Elas contribuem para o significado dos enunciados. Com o intuito de demonstrar com quais acepções as preposições estão sendo utilizadas, selecionamos como objeto de análise cinco redações de pré-vestibulandos produzidas no ano de 2015.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, realizamos uma abordagem teórica com base na Ecolinguística, que é o estudo das interações da língua com o ecossistema, que pode ser natural, mental ou social. Esse ecossistema linguístico é composto por um povo, um território e uma língua que interagem entre si e é nessa interação que a significação surge como aqui será demonstrado.

Este artigo é composto por cinco seções. Na primeira, apresentamos o suporte teórico no qual ela está embasada, portanto, essa seção traz os conceitos centrais que compõem a Ecolinguística. A segunda mostra a proposta de estudo do significado pelo olhar ecolinguístico. Na terceira, utilizamos as preposições sob a ótica da ecologia das relações espaciais, e, na quarta, discutimos com qual significado as preposições estão sendo utilizadas em produções textuais. Por fim, na quinta seção, apresentamos as considerações finais.

1 Ecolinguística: aspectos teóricos

Para realizarmos um estudo sobre a significação em uma abordagem ecológica, devemos inseri-lo no contexto da Ecologia Linguística ou Ecolinguística, definida por Couto (2013, p. 279) como “o estudo das interações verbais que se dão no interior do

ecossistema linguístico”. Couto et al. (2013, p. 386) veem as relações entre língua (L) e território (T) via povo (P), ou seja, as relações de P no T, usando a L. É nessa interação do indivíduo (organismo) com o território (mundo) que surge a significação.

Nesse sentido, a Ecolinguística tem como base o ecossistema integral da língua, que é formado pelo P, residindo em determinado T e falando sua própria L. Portanto, existe uma inter-relação entre esses três componentes do ecossistema integral da língua. No entanto, a L não interage diretamente com o T, sendo sua relação mediada por P e ocorrendo somente a partir da existência dele vivendo e convivendo nesse T. Esse ecossistema também é conhecido como comunidade (COUTO et al., 2013, p. 387).

O ecossistema linguístico é composto pelo meio ambiente natural, social e mental. O meio ambiente (MA) é parte do ecossistema, ou seja, só existe dentro dele. O MA natural é constituído pelo entorno físico da linguagem, que inclui não só o território, mas também os outros elementos da natureza, como, por exemplo, o ar, as águas, os corpos celestes e, também, o corpo físico dos membros de P. É nesse mundo físico que se encontra a ecologia das relações espaciais que aqui será tratada. A linguagem não é um ser, mas sim relações, então, o meio ambiente da linguagem é onde se manifestam essas relações, ou seja, no mundo físico (ecossistema natural). O MA social é constituído pelo próprio P, organizado socialmente, que convive em determinado T e por isso seus membros utilizam a mesma língua. O MA mental é constituído pela infraestrutura cerebral e pelas conexões neurais que entram em ação na aquisição, no armazenamento e no processamento da linguagem (COUTO, 2007).

Em síntese, ecossistema é um sistema dinâmico, constituído de interações entre os organismos vivos e seu meio ambiente (interação organismo-mundo), bem como entre os próprios organismos (interação organismo-organismo). Dessa maneira, a interação é uma teia que se constrói com base nas relações que se dão no ecossistema, sendo ela basicamente a língua para a Ecolinguística.

Nessa perspectiva, a Ecolinguística tem como principal base epistemológica a Ecologia, pois ela percebe que as interações linguísticas funcionam de acordo com os mesmos princípios ecológicos. Contudo, não faz uso desses conceitos de forma metafórica, pois se propõe a explicar de que maneira isso acontece. Isso significa dizer que ela não vai apenas relacionar os conceitos ecológicos aos fenômenos linguísticos, e sim estudar os fenômenos linguísticos a partir de dentro da Ecologia.

Em vista disso, é importante destacar alguns conceitos ecológicos essenciais para a compreensão do ecossistema linguístico, dentre eles a noção de holismo, que é, basicamente, uma visão abrangente do objeto a ser estudado, pois “faz parte de um ecossistema que interfere nele, tanto quanto é interferido por ele” (BORGES, 2015, p. 41). Esse todo apresenta a característica da abertura ou porosidade. Esse traço do ecossistema nos permite ver que nada está isolado, portanto, os ecossistemas inter-relacionados com outros recebem influências de fora, além de enviarem seus influxos para fora. “Isso significa que os ecossistemas não possuem fronteiras delimitadas e que a sua delimitação é feita apenas e exclusivamente pelo observador. Delimitar um ecossistema, entretanto, não significa isolá-lo dos outros” (BORGES, 2015, p. 42), mas percebê-lo a partir de sua complexidade. Essa característica serve para delimitar o que será investigado.

Além desses aspectos, temos os conceitos complementares de evolução e adaptação. O primeiro está associado à mudança que gera rearranjos no ecossistema. Pensando no aspecto linguístico, por exemplo, novas línguas e dialetos são formados. Já o segundo conceito propicia o equilíbrio do ecossistema. “Toda vez que algum aspecto do ecossistema é alterado, todos os seus elementos devem se adaptar para garantir a sobrevivência do mesmo” (BORGES, 2015, p. 42). Caso isso não aconteça, um processo de extinção pode ocorrer.

A reciclagem é outro componente do ecossistema, de importância vital à sua sobrevivência e manutenção. Ela é o reaproveitamento de elementos. No caso da linguagem, por exemplo, as preposições, que veremos aqui, sofreram um processo de reciclagem ao terem o seu matiz de significativo alargado, isto é, as preposições foram reaproveitadas ao designarem outras relações, mantendo-se as mesmas.

Por fim, temos o conceito de diversidade, que diz respeito a toda a variedade de um ecossistema. Quanto mais espécies houver em seu interior, mais complexo ele será. Se houver uma diminuição dessa diversidade, mais sujeito à extinção ele estará. No caso dos estudos linguísticos, “toda vez que abordamos as relações estabelecidas entre línguas, estamos falando em diversidade. Tanto os processos de extinção de línguas, quanto os de crioulização ou pidginização, entre outros, podem ser estudados a partir desse aspecto” (BORGES, 2015, p. 42).

Todos esses aspectos estão associados à organização e ao perfeito funcionamento tanto do ecossistema propriamente dito quanto do ecossistema linguístico. Sendo assim, a

significação se dá em meio às interações desse ecossistema. Dessa maneira, para entender melhor como isso ocorre, na seção seguinte falamos sobre o objeto de estudo da semântica, tendo como base os fundamentos ecológicos.

2 A Semântica sob o prisma ecolinguístico

Tradicionalmente, a Semântica é definida como o estudo do significado linguístico, ou seja, ela investiga os sentidos expressos nas línguas naturais. No entanto, segundo Ullmann (1964, p. 113), o significado é um dos termos mais ambíguos da teoria da linguagem, não havendo um consenso entre os semanticistas sobre sua definição. Essa dificuldade ocorre pela existência de diversos tipos de significado, entre eles o significado léxico-referencial sistêmico, significado sistêmico, o significado pressuposicional, o significado implicatural, o significado ilocucionário ou performativo e o significado contextual, entre outros. Eles são produzidos de diferentes maneiras e há inúmeras possibilidades de estudá-los.

De acordo com Trask (*apud* CASTILHO, 2014), a Semântica teve um caminho incerto na história da linguística, por se constituir como disciplina apenas no século XIX, no “quadro do desenvolvimento da linguística histórica, inicialmente pela fonética, mais aprimorada, e depois pela gramática” (GREIMAS, 1973, p. 12). Essa última se formalizou e se definiu em 1887, com os estudos de Micheal Bréal, em seu livro intitulado *Éssai desemantique*, o qual tratou do que viria a ser chamado mais tarde de Semântica Lexical, que investiga os sentidos das palavras, isto é, dos itens lexicais ou lexemas.

De acordo com Castilho (2014, p. 3), desde os primórdios da reflexão gramatical, os linguistas relacionavam as estruturas gramaticais e o sentido, o que conduziu à organização da semântica gramatical, que trata dos significados das construções. Ainda conforme esse autor,

Outra divisão no campo se deu quando as pesquisas destacaram o fato de que os sentidos não estão inteiramente encapsulados no signo linguístico, pois em sua elaboração a língua depende fortemente da interação. Os sentidos são criados ao longo de uma conversa, servindo as palavras como uma sorte de gatilho para essa atividade. Surgiu, assim, uma nova disciplina para investigar as relações entre os signos e os usuários, denominada Pragmática. (CASTILHO, 2014, p. 3).

Essa nova disciplina, relacionada à Semântica, propiciou o surgimento da Semântica Discursiva ou Pragmática, que trata das significações geradas no intervalo que ocorre

entre os locutores e os signos linguísticos (CASTILHO, 2014). Nesse contexto, houve uma discordância entre gerativistas e estruturalistas, o que gerou uma divisão entre eles. Aqueles se mantiveram nas bases tradicionais dos estudos semânticos; estes “consideravam difícil aplicar suas técnicas de análise ao que chamaram ‘o pântano do significado’” (CASTILHO, 2014, p. 3). Dessa maneira, “os insatisfeitos mudaram-se para a costa americana oeste, dando início ao que viria a ser conhecido como Linguística Cognitiva”. Surge, então, a semântica cognitiva, que trata da criação dos sentidos.

Para finalizar o tema dos diversos ramos da Semântica, com o ressurgimento da Linguística Histórica ensaiam-se alguns passos na organização da Semântica diacrônica, a qual ainda é pouco pesquisada e trata da mudança diacrônica dos sentidos (CASTILHO, 2014, p. 4).

Essas são apenas algumas das inúmeras possibilidades de se estudar a significação, mas o que nos interessa, neste momento, é discorrer sobre como a Semântica se acomodaria no contexto da disciplina Ecolinguística. Partindo do ecossistema integral da língua (ex-ecossistema fundamental da língua), representado pelo tripé LPT linearizado, em que T pode ser substituído por M de mundo, a língua só se relaciona com o mundo por intermédio da população que a usa. Isto é, a língua só é formada a partir do seu uso diário pela população, na interação de seus membros entre si e com o mundo semântico-referencial. No interior desse ecossistema ocorrem dois tipos de interações: a interação entre dois indivíduos da população, ou seja, a relação entre pessoas, a qual equivale à comunicação ou interação comunicativa. As interações entre indivíduos e o mundo ou território – relação P-M – equivalem à significação, à referência ou à descrição de estados de coisas ou de eventos (narração). De qualquer modo, ambas as interações “estão intimamente relacionadas, uma vez que nos referimos a aspectos do mundo geralmente em atos de interação comunicativa” (COUTO et al., 2013, p. 391). Dessa maneira, a língua é concebida como um meio de comunicação que envolve expressão de pensamentos, pois uma das maneiras de nos comunicarmos é nos referindo a alguma coisa e só nos referimos a essas coisas nos comunicando.

Nesse sentido, a semântica é o estudo do significado que emerge da interação comunicativa. Aí se incluem os significados dos atos dessa interação (enunciados), como também dos itens lexicais (COUTO et al., 2013, p. 392).

De forma mais ampla, a semântica, de acordo com Couto (2007, p. 137), é o estudo de como os membros da comunidade categorizam, classificam linguisticamente o meio

ambiente, ou seja, como os membros da comunidade se referem e significam o mundo físico, o meio ambiente natural. Essa “categorização parte da própria projeção dos aspectos do meio ambiente no cérebro desses indivíduos, que se socializa no momento em que é compartilhada com outros membros da comunidade”, isto é, compartilhar socialmente da mesma percepção que se tem do meio ambiente natural é o que possibilita a construção do significado (COUTO et al., 2013, p. 390).

Essa projeção ocorre conforme o indivíduo percebe sensitivamente o mundo, ou seja, ele percebe as coisas, capta o real e o que foi captado passa pela sensação, onde se criam os sentidos. Então ele representa a coisa por um processo dinâmico biopsicossocial, ou seja, sofre tanto influência do MA mental quanto do MA social nesse processo. Após essas etapas, vem a fase da conceptualização, que consta de seu compartilhamento com outros membros de P, seguida da lexicalização. Em síntese: o indivíduo percebe o MA natural/físico, essa percepção do real é processada no MA mental e após as interações com os outros membros de P, organizados socialmente (MA social), o que foi captado se semantiza, ou seja, é compartilhado socialmente, recebendo uma designação, um rótulo (COUTO et al., 2013, p. 390).

Dessa maneira, percebe-se que é importante refletir a respeito do processo de surgimento do significado, e não apenas defini-lo. Assim, deve-se levar em consideração que esse processo envolve muito mais que a capacidade biológica e cognitiva do indivíduo de organizar e dizer o mundo, mas também as suas experiências a seu respeito (ARAÚJO, 2014, p. 126).

Ao pensar no processo de criação do significado pelo viés ecológico, vemos que ele se assemelha ao que vem sendo proposto pela semântica cognitiva, que considera que o significado resulta “de uma representação mental particular, subjetiva, que decorre de processos cognitivos (como atenção, percepção, memória, categorização etc.) do indivíduo, que, por sua vez, estão atrelados a aspectos culturais, sociais, políticos, entre outros” (SANTOS, 2015, p. 24).

Essa percepção do real é processada no cérebro humano, e, para isso, a semântica cognitiva utiliza a conceptualização, que, segundo Langacker (2007, p. 431), consiste no ato de o indivíduo se envolver e experienciar corporalmente o mundo, o que inclui não somente a experiência perceptual, mas também o controle central da atividade motora e as sensações cinestésicas que ela induz. Portanto, a significação parte da experiência humana, ou seja, o significado surge da relação do indivíduo com o mundo.

Nesse sentido, conforme Lakoff (1987, *apud* SANTOS, 2015, p. 24), essa experiência “envolve a totalidade da experiência humana e tudo o que nela desempenha um papel, assim incluem-se a natureza de nossos corpos, capacidades geneticamente herdadas ou formas de fisicamente operar no mundo, nossa organização social, cultural etc.”. Para a Ecolinguística, as experiências dos indivíduos com o mundo físico (MA natural) e as operações mentais (MA mental) ocorrem por meio da conceptualização e estão inter-relacionadas à práxis de um P com o meio ambiente no qual se encontra (MA social) (ARAÚJO, 2014, p. 135).

De acordo com a semântica cognitiva, significar é basicamente conceptualizar, processo que “envolve aspectos sócio-histórico-culturais, experienciais, sendo, portanto, dinâmico, flexível, subjetivo, hermenêutico”, ou seja, nosso corpo é o ponto de partida para as relações feitas com o mundo, sendo o significado construído a partir dessas interações tanto físicas quanto corpóreas com o meio. Dessa maneira, conceptualizar está condicionado tanto às experiências individuais quanto à relação desse indivíduo com o mundo exterior. A ênfase está na cognição (SANTOS, 2015, p. 25). Já para a Ecolinguística, o significado é construído nas inter-relações entre os indivíduos e entre eles e o meio ambiente, “de acordo com as necessidades presentes em seu cotidiano, num contexto de interação comunicativa”. Desse modo, “a linguagem deve ser concebida como uma atividade social, histórica e cognitiva, mas levando em consideração as atividades ou ações praticadas entre os indivíduos que a conhecem” (ARAÚJO, 2014, p. 135).

Percebe-se que é a inter-relação entre os três meios ambientes (físico, mental e social) que possibilita o surgimento do significado, em que a motivação externa corresponde ao mundo (MA físico); a percepção sensório-motor nos remete ao indivíduo, o sujeito, o falante (MA mental); e a experiência culturalmente partilhada é o meio ambiente social (MA social). Isto é, o significado é experiencial, construído nas interações povo-mundo e povo-povo.

Todo esse processo de criação do significado nos mostra que ele surge, primeiramente, nas interações do indivíduo com o meio ambiente e entre os próprios indivíduos, para somente depois surgir na relação entre palavras e coisas. Assim sendo, em consonância com os princípios da Ecolinguística, a semântica trata dos conceitos formados pela comunidade nas interações que cada indivíduo mantém entre si e com o próprio meio ambiente (COUTO, 2007, p. 138).

Nota-se que, após conhecer determinado fenômeno, surge naturalmente a necessidade de se referir a ele, ou o inverso, o conhecimento do fenômeno provém da necessidade de se referir a ele (ARAÚJO, 2014, p. 126). Nesse sentido, é uma necessidade humana dar significado e conceituar coisas, ações, qualidades e relações entre as coisas – e entre os nomes de coisas e de ações. Para exemplificar esse processo de significação, tratamos, na próxima seção, dos conceitos de relação espacial presentes no meio ambiente físico, que deram origem à ecologia das relações espaciais, a qual demonstra a dinâmica das preposições que, em uma visão ecológica, não são desprovidas de sentido.

3 As preposições e a ecologia das relações espaciais

As preposições são frequentemente classificadas como palavras vazias, estando seu significado atrelado às palavras cheias (substantivos, verbos, adjetivos e alguns advérbios), conforme afirma a tradição gramatical chinesa, ou seja, elas são palavras de significado “gramatical”. A Ecolinguística, no entanto, afirma que as preposições não são desprovidas de significado, “uma vez que contribuem para a função referencial da linguagem e, por isso, para sua função primordial, que é a comunicação” (COUTO, 2010). Elas refletem relações palpáveis do mundo natural, as quais se inserem na ecologia das relações espaciais (doravante ERE).

Na Ecolinguística, as preposições são encaradas de modo holístico, partindo de uma postura onomasiológica, ou seja, aquela que parte da coisa (ou do conceito) para o nome que ela (ele) tem, momento de surgimento das palavras. É por esse motivo que o estudo se insere, em primeiro lugar, no ecossistema natural da língua. Entretanto, o mental também é ativado, secundariamente, uma vez que é no cérebro que se formam as relações. Por fim, é no consenso social, nos membros da população organizada socialmente, a sociedade, que tudo isso será confirmado (COUTO, 2010, p. 4). Como partiremos de relações existentes na natureza para as palavras que as designam, no caso as preposições, partiremos da ERE.

Como a língua tem uma relativa autonomia, com o passar do tempo suas palavras, no caso as preposições, passam a designar outras coisas; esse é o momento semasiológico. De acordo com Couto (2010, p. 13), ele “consiste em partir dos nomes e ir na direção do que eles designam”. Essa postura semasiológica será adotada ao verificarmos, nas produções textuais, com que outras acepções as preposições, além das mencionadas na ERE, estão sendo usadas.

ECO-REBEL

Segundo Couto (2010, p. 4), as preposições espaciais estudadas pela ERE são:

[...] basicamente de dois tipos, as de posição e de movimento. Preposições de posição, também chamadas de locativas, indicam as diversas posições em que um objeto pode se encontrar, relativamente a outro. Por isso mesmo, pode-se dizer que são estáticas. Preposições de movimento, como o próprio nome já diz, são normalmente usadas com verbos de movimento. Elas podem indicar origem (venho de São Paulo), destino (vou a São Paulo) ou percurso (venho de carro desde São Paulo, passei por São Paulo).

As tentativas de representar a ERE no que tange às preposições iniciaram-se no século XVII, época em que John Wilkins propôs uma representação bidimensional para as preposições inglesas (COUTO, 2007b, p. 90):

Um observador em frente a um ponto de referência que consistia de dois círculos concêntricos. Primeiro, ele apresenta uma seta “para baixo”, cujo resultado é “abaixo”, bem como uma outra “para cima”, que resulta na relação “acima”. Em seguida, temos as seguintes relações: a) “dentro” versus “fora”, b) “para dentro” versus “para fora”, c) “sobre” versus “sob”, d) “aquém” versus “além”, e) “a/para” versus “de/desde”. As seguintes relações não são dicotômicas em seu modelo: f) “sobre” (*about*), g) “acima” (*over*). Algumas posições em seu esquema não estão muito claras para mim. Por exemplo, h) “embaixo” (*below*) está entre o observador e o círculo, mas um pouco abaixo do diâmetro dele, não abaixo dele. Além do círculo central, de novo da perspectiva do observador, Wilkins inclui: i) “através de” e k) “além de”. Fora do círculo maior, temos l) “a/para” (*to*) versus “de” (*off*). Finalmente, veem-se m) “após” (*to the back of the observer, sic!*) versus “antes” (*in front of him, i.e., between him and the point of reference*).

Mesmo apresentando algumas inconsistências, esta foi provavelmente a primeira tentativa, na história dos estudos linguísticos, de representar a ecologia das relações espaciais.

Bernard Pottier também estudou as preposições a partir do conceito de espacialidade. Ele apresentou as preposições tidas como de movimento, as quais foram representadas no esquema da Figura 1, embora inclua nele preposições que não são de movimento e até mesmo outras categorias de palavras.

Figura 1 – Modelo de Pottier

a	de
até	desde
para	por
ante	trás, após
diante	detrás
sob	sobre

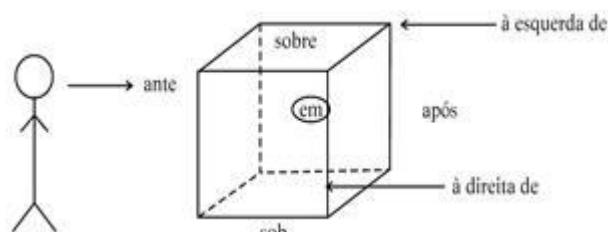
ECO-REBEL

sem		com
debaixo		em cima
perante		em
contra		entre
.....	

Fonte: apud COUTO, 2007a.

Como já mencionado antes, toda preposição indica determinada posição prototípica ou movimento prototípico, conforme Couto (2010, p. 1). Como um subconjunto dessa relação, têm-se as preposições que indicam relações naturais, as quais existem na natureza independentemente de um observador. Dentre elas estão: *em*, *entre*, *sobre* e *sob*. Quanto às preposições de posição, temos o modelo que fora usado por John Wilkins no século XVII, retomado por Couto (1973, p. 45-46), refinado em Couto (1994) e aplicado às preposições portuguesas em Couto (2010). Trata-se da já mencionada ecologia das relações espaciais, exposta na Figura 2 (ver também VANDELOISE, 1991)

Figura 2 – Preposições de posição



Fonte: Couto (2007a, p. 122).

Couto (2007a, p. 91; 2010, p. 5) explica essa figura da seguinte maneira:

O ponto central dessa ecologia é a interioridade. Isso se deve ao fato de ela não exigir um observador. Assim, o caroço no interior de uma fruta está objetivamente lá, independentemente de haver alguém para observá-lo ou não. Por isso, ela é considerada a relação espacial não marcada, ao lado de seu oposto, a exterioridade. Não é de admirar que a preposição que a codifica (*em*) seja a preposição espacial não-marcada, inclusive a que codifica a relação oposta (*fora de*), que não está na figura 2.

Logo a seguir vêm as posições de superioridade (*sobre*) e inferioridade (*sob*). As posições nelas contidas são também independentes de um observador. Sendo assim, elas constituem a segunda e a terceira posição mais natural, respectivamente.

ECO-REBEL

Ainda consoante a Couto (2010), as posições de anterioridade (*ante, antes de*) e posterioridade (*após*) dependem de um observador, uma vez que um objeto só pode estar antes ou depois de outro relativamente a ele. Couto (2010, p. 5) afirma ainda que:

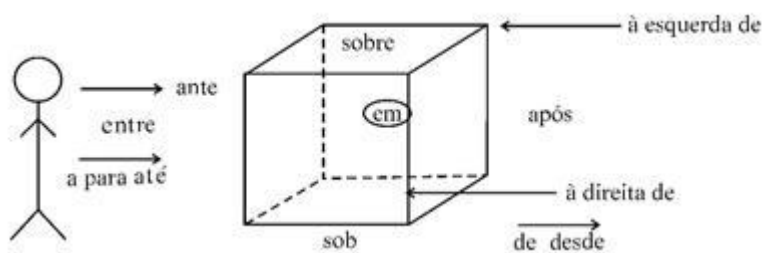
[...] se pensarmos *em frente (na frente de)* e *traseira (atrás de)*, há entidades dotadas de frente e traseiro intrínsecos, como uma casa e um animal, por exemplo. Assim, independentemente de um observador, um objeto pode estar na frente da casa se estiver do lado da porta que dá para a rua.

Existem, também, as relações de dexteridade (*à direita de*) e sinistridade (*à esquerda de*), as quais só são representadas por locuções prepositivas. De acordo com Couto (2010, p. 5):

Elas são as mais marcadas de todas as que compõem a ecologia das relações espaciais. Cruzando todas essas relações, temos a dimensão verticalidade *versus* horizontalidade, de modo que todas as preposições podem ser encaradas dessa perspectiva. A relação de superioridade/inferioridade passa, verticalmente, pelas preposições *sobre-em-sob*, nessa ordem. A de anterioridade/posterioridade se alinha ao longo da horizontalidade, redundando na sequência *ante-em-após*. Por fim, a dimensão lateralidade, que inclui dexteridade e sinistridade, passa por *à direita de - em - à esquerda de*.

É válido lembrar que as relações representadas nas duas figuras não exaurem todas as relações espaciais possíveis. Existe, ainda, a posição de intermediação (*entre*). A Figura 3 mostra que ela pode ser localizada entre o observador e o cubo. Ademais, mostra que as relações de direção de Pottier, mostradas na Figura 1, podem ser incluídas na ecologia das relações espaciais da Figura 2, o que mostra que essa ecologia pode incluir todas as relações espaciais, inclusive as de movimento, com *a, para* e *até* (|) e *de* e *desde* (|), ou seja, a ERE inclui as relações de Pottier.

Figura 3 – Ecologia das Relações Espaciais



Fonte: Hildo Honório do Couto, não publicada

Como dito anteriormente, no estudo das preposições, assim como no de qualquer palavra da língua, é necessário primeiro partir da base mostrada nas Figuras 1, 2 e 3, que é o momento onomasiológico, de emergência das palavras. No entanto, após formada, a palavra pode adquirir outros matizes de significação, que é o momento semasiológico. Como se pôde ver, Pottier, assim como Couto, mostram que as preposições têm origem espacial. As temporais e as nocionais (abstratas, aquelas que expressam relações indicadas pelo contexto) também elas são redutíveis à espacialidade, mesmo que de forma não explícita.

De acordo com Couto (2007a), segundo o que se passa com as relações espaciais, a relação temporal fundamental é a de interioridade, expressa em muitas línguas pela preposição *em*. “Assim, quando se diz que alguém nasceu ‘no mês de abril’ quer dizer que nasceu ‘no interior’ [...] do mês de abril” (COUTO, 2007a, p.142). Isso mostra que as relações temporais são apenas um subconjunto das relações espaciais.

Couto (2007a) constata ainda que o espaço é tridimensional, o tempo é unidimensional, linear e parece ser ‘dinâmico’, o que advém de ele estar associado a movimento. Logo após essa relação temos as de anterioridade e posterioridade, que também são tidas como temporais. Em português, ela está lexicalizada pelas preposições *ante* e *após*, respectivamente. Essa relação tem a ver com a sequência linear do tempo. Tendo um ponto nessa linha, tudo que aconteceu antes dele pertence à anterioridade, chamado de passado. Tudo que acontecer depois dele está no domínio da posterioridade e é chamado de futuro. A relação de anterioridade/posterioridade se alinha ao longo da horizontalidade, redundando na sequência *ante-em-após*.

Couto (2010, p. 10) afirma que “das preposições simples, algumas parecem ser incompatíveis com a temporalidade ou, então, só podem ser usadas temporalmente em contextos muito específicos”. Entre elas temos *com*, *sem*, *contra*, *entre*, *perante*, *sobre*, *sob*, além das locuções prepositivas *à esquerda de* e *à direita de*.

Das preposições (ou locuções prepositivas) da Figura 1, praticamente todas podem ser usadas temporalmente. Segundo Couto (2010, p. 10), “algumas delas parece terem se especializado, ou estão se especializando, no uso temporal, como *após*. Outras poderiam ser chamadas de espaço-temporais uma vez que podem ser usadas numa ou noutra significação”.

A respeito das preposições nocionais, Couto (2010) afirma que existem aquelas que não são claramente espaciais ou temporais, como no caso de *com* e *sem*; mas, ao analisarmos

o contexto em que estão inseridas, notamos que a espacialidade está por trás delas. Pottier defende que *com* é uma típica preposição espacial, direcional. Na frase “Pedro está *com* João” significa que Pedro está onde João está. De um ponto de vista lógico, Couto (2010, p. 7) explica que “*com* indica a relação de conjunção, isto é, simultaneidade de duas coisas no espaço”. Quanto ao oposto de *com*, ou seja, *sem*, é também espacial ao se articular ao longo do mesmo eixo que *com*, logo, pertence ao mesmo campo semântico (COUTO, 2010).

Nesse sentido, Couto nota que as preposições simples não são usadas preferencialmente no sentido nocional, elas são espaciais, temporais ou espaço-temporais em algum momento. Entretanto, algumas preposições, como *a*, *de* e *sobre*, são mais frequentemente usadas nocionalmente, mas tendo seu significado original atrelado à espacialidade. Dessa maneira, todas as preposições nocionais se apoiam na espacialidade.

Couto, portanto, defende que, mesmo adotando uma postura semasiológica, a variada gama de diferentes usos das preposições se reduz ao significado espacial, temporal e, às vezes, espaço-temporal. “Há um núcleo significativo comum que, ao fim e ao cabo, desemboca no significado que emerge da ecologia das relações espaciais” (COUTO, 2010, p. 13)

4 O significado das preposições em uso

Como podemos perceber, tudo na língua tem um significado; nem mesmo as preposições constituem exceção. Segundo a ERE, elas têm um significado prototípico que se remete à espacialidade, tanto as temporais quanto as nocionais.

As acepções particulares que as palavras, no caso as preposições, adquirem emergem da interação do indivíduo com o mundo, da sua percepção das coisas e da sua experiência social. Para verificarmos com quais sentidos diferentes as preposições estão sendo usadas, assumindo uma postura semasiológica (que consiste em partir dos nomes e ir em direção ao que eles designam) selecionamos cinco redações de alunos do ano de 2015 em preparação para o vestibular.

As 204 preposições simples que ocorreram em cinco redações resultaram na tabela estatística vista a seguir:

Tabela 1 – Preposições em uso

preposição	quantidade	porcentagem	preposição	quantidade	porcentagem
de	85	41%	entre	2	0,9%
em	31	15%	até	1	0,5%
a	26	12%	desde	1	0,5%
para	24	11%	contra	1	0,5%
com	13	7%	após	1	0,5%
por/pel	12	6%
sobre	4	2%
sem	3	1%

Fonte: Dados da pesquisa.

Das dezessete preposições listadas pelas gramáticas (*a, ante, após, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, perante, por/per, sem, sob, sobre, trás*), treze foram utilizadas nessas cinco redações, sendo a maioria usada em seu sentido nocional, mesmo aquelas com valor mais específico, como no caso de: *sobre, sem, entre e contra*.

Nos quatro usos de *sobre*, em todos eles a preposição é utilizada para expressar assunto, como em: *debate sobre a democracia* ou *Pessoas mais informadas sobre a situação política do país*. *Sem* é utilizado para expressar ausência nos três casos em que ocorre: *sem violência; sem necessidade; sem uma análise crítica*. No exemplo *A diferença entre protestar e brincar*, *entre* expressa sentido de interposição. Dessa maneira, percebemos que o sentido prototípico dessas preposições foi diluído, sendo substituído pelo uso nocional. Houve uma espécie de adaptação desse elemento linguístico para que essas preposições menos frequentes não deixassem de existir.

Já as preposições *após, desde e até*, que também têm um significado mais específico, são utilizadas no sentido temporal, como em: *Após os primeiros movimentos* (posteridade no tempo); *desde o movimento Caras Pintadas* (ponto de partida no tempo) e *de 2013 até dias atuais* (limitação no tempo). Nesse caso, a preposição *até* está substituindo a preposição *a*, a qual daria uma noção mais coerente à expressão, pois *dias atuais* não delimita, especificamente, o tempo a que o interlocutor se refere. Notamos, então, um processo de reciclagem, em que as mesmas preposições são reutilizadas com outros sentidos além do prototípico.

As preposições *de, em, a, para, com e por* ocorrem mais nas produções textuais por serem mais genéricas, isto é, elas apresentam mais diversificação semântica ao serem mais abstratas, podendo ocorrer em qualquer contexto, sendo mais frequentes, como Borba (1971) já havia notado.

Das doze ocorrências de *por*, sete foram no sentido nocional ao expressar causa, motivo, como em *a lutar por seu país* ou [...] *foram marginalizados pela grande mídia*. Além disso, também expressa instrumento, meio: *As manifestações foram marcadas pelo uso da tecnologia*. Em dois casos, a preposição *por* tem valor de movimento, o que poderia ser confundido com o sentido espacial. Notamos que o valor semântico dessa preposição depende do elemento a que ela se liga na construção: *A busca pela democracia* e *A busca por uma política*. Nesses casos, a preposição perde seu sentido prototípico, estando seu sentido atrelado à natureza do verbo. Nos casos em que ela é usada com valor mais puramente relacional – como em *para pensar por si mesmo* – ela fica livre de peso semântico específico, compondo um todo significativo.

As treze ocorrências da preposição *com* foram no sentido nocional, ao expressar associação e causa, respectivamente: *com as ideias do Iluminismo* e [...] *fazendo com que surja*. No exemplo: *foi criada com a finalidade*, a preposição *com* passa a expressar objetivo, finalidade, pelo fato de as preposições mais genéricas apresentarem um caráter poroso, de modo que sofrem influência do termo que as segue, perdendo seu sentido básico e formando, assim, um conjunto significativo.

Das vinte e quatro ocorrências da preposição *para*, dezoito acontecem no sentido nocional, ao expressar finalidade, consequência ou posse, respectivamente: *Liberdade para se expressar*; [...] *para possibilitar que as mudanças e benefícios para o Brasil*. As seis outras ocorrências acontecem no sentido espacial, indicando direção para um lugar. No entanto, ela está substituindo a preposição *a*, como em: *encaminhá-las para a delegacia* ao invés de *encaminhá-las a delegacia* como recomendam as gramáticas normativas. No primeiro caso, a destinação é permanente e, no segundo, é um destino temporário. Em todos os vinte e seis casos em que a preposição *a* ocorre, ela parece que está despojada de valor semântico, funcionando apenas como peça acessória do conjunto significativo, como em *vinculada às redes sociais*. No entanto, isso não invalida o fato de elas terem uma significação própria, pois, como podemos encontrar nas produções, a diferença semântica em algumas expressões se dá somente pela troca das preposições: *vindo às ruas* (destino) e *vindo das ruas* (origem).

As duas preposições mais frequentes são *de* e *em*. A primeira por seu valor mais puramente gramatical, sendo a mais despojada de peso semântico específico, e a segunda por ser a preposição menos marcada da língua, ou seja, por indicar uma posição de modo geral, sendo seu valor mais genérico.

Da variedade de empregos que elas têm e, conseqüentemente, das diversas realizações semânticas que elas expressam, com a preposição *em*, de trinta e uma ocorrências, catorze foram no sentido espacial, como em: *Não só no Brasil, mas em todo o mundo* ou *A consolidação democrática no Brasil*. Nesses casos, a preposição expressa inclusão no espaço, mantendo seu sentido prototípico. Das outras ocorrências, cinco foram no sentido nocional, como em: *crendo na verdade* ou *presos no querer participar*, mas o valor de inclusão ainda está evidenciado. Três dessas ocorrências foram no sentido temporal, como em: *Em 2014 e no início desse ano*. As duas outras ocorrências dão a ideia de movimento: [...] *continuar em busca de um país melhor* ou *Avanços na área*.

Por fim, das 85 ocorrências de *de*, o que prevalece é o sentido nocional, que se distribui em posse, meio, finalidade, modo etc., como podemos ver em: *A voz do povo* (posse); *utilizar-se da educação* (meio); *finalidade de elevar* (objetivo/finalidade); *formas de mudar* (modo). Percebemos que essas noções surgem em razão do contexto. Quatro dessas ocorrências foram no sentido temporal, como em: *De 2013 até dias atuais* ou *nos dias de hoje*. Duas dessas ocorrências expressam a ideia de movimento, por causa de o verbo a que essa preposição está atrelada, como em [...] *em busca de um país melhor*. Em somente em uma dessas ocorrências o sentido espacial ficou claramente evidente: *Sáímos do facebook*.

Sendo assim, nota-se que as preposições não são vazias de significado, mesmo aquelas mais puramente gramaticais, pois contribuem para o conteúdo da mensagem e, por isso, para a função primordial da linguagem, a comunicação.

5 Considerações Finais

O principal objetivo, neste artigo, foi apresentar a Semântica a partir da perspectiva integradora proposta pela Ecolinguística. Sob essa perspectiva, ela foi definida como o estudo do significado que emerge da ecologia da interação comunicativa, isto é, só nos referimos a aspectos do mundo em atos comunicativos.

Ecolinguisticamente, o significado surge primeiramente nas interações do indivíduo com o meio ambiente e entre os próprios indivíduos, para somente depois surgir na relação entre palavras e coisas. Dessa maneira, pensar o processo de surgimento do significado é tão importante quanto defini-lo.

Nesse sentido, o significado resulta do seguinte processo: o indivíduo percebe o MA natural/físico; essa percepção do real é processada no MA mental e, após as interações

comunicativas com os outros membros de P, organizados socialmente (MA social). Nesse momento, esse significado é compartilhado e concretizado.

A comunicação, portanto, é essencialmente significativa, ou seja, comunicamos sentidos. Sendo a interação comunicativa basicamente significação, Borba (1971) afirma que todas as peças de um sistema linguístico têm uma função semântica, ou seja, todas as peças linguísticas usadas no ato da interação comunicativa têm algum papel no conjunto significativo, entre elas as preposições.

Nota-se, dessa maneira, que as preposições não são vazias de significado, uma vez que contribuem para a função referencial da linguagem e, conseqüentemente, para a comunicação, isto é, contribuem para a mensagem.

Como a língua, por ser um fenômeno dinâmico, está sempre mudando, as preposições, como parte desse fenômeno, também mudam. Desse modo, elas surgem para se referirem às relações existentes no mundo, tendo um significado prototípico que se remete à espacialidade (onomasiologia) e, ao se autonomizarem, adquirem outras acepções, que vão de temporais a nocionais (semasiologia), como aqui demonstrado.

Referências

- ARAÚJO, G. P. de. *O conhecimento etnobotânico dos Kalunga: uma relação entre língua e meio ambiente*. Tese de Doutorado, Universidade de Brasília, 2014.
- BORBA, Francisco da Silva. *Sistema de preposições em português*. Tese de Livre-Docência, Universidade de São Paulo, 1971.
- BORGES, L. A. O. *A constituição de uma escola ecossistêmica: novas práticas educacionais sob a perspectiva da ecolinguística e do imaginário*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Goiás, 2015.
- CASTILHO, A. T. de. *O que é Semântica?* 2014. Disponível em: <http://docplayer.com.br/8920020-O-que-e-a-semantica.html>
- COUTO, Hildo Honório. *Os conetivos*. Dissertação de Mestrado, USP, 1973.
- _____. *O crioulo português da Guiné-Bissau*. HamburgO: Helmut Buske Verlag, 1994.
- _____. *Ecolinguística: Estudo das relações entre língua e meio ambiente*. Brasília: Thesaurus, 2007a.
- _____. *Ecologia das relações espaciais – as preposições do crioulo guineense*. *Papia*, v. 17, p. 80-11, 2007b.
- _____. *Ecologia das preposições espaciais portuguesas*. *Lusorama*, v. 83/84, p. 50-79, 2010.
- _____. *O que vem a ser ecolinguística, afinal?* *Cadernos de Linguagem e Sociedade* v. 14, n. 1, 2013.
- _____. COUTO, Hildo do; COUTO, Elza K. N. do; BORGES, Lorena. *Análise do discurso ecológica (ADE)*. Campinas: Pontes, 2015.
- COUTO, E. K. N. N do. et al. *Da fonologia à Ecolinguística: ensaios em homenagem a Hildo Honório do Couto*. Brasília. Thesaurus, 2013.

ECO-REBEL

- GREIMAS, A. J. *Semântica estrutural*. São Paulo: Editora Cultrix, 1973.
- LANGACKER, R. W. In: GEERAERTS, Dirk; CUYCKENS, Hubert. *The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics*. Oxford/New York: Oxford University Press, 2007.
- SANTOS, E. B. O estudo do significado sob a perspectiva da Linguística/semântica cognitiva. *Pontos de Interrogação: Revista de Crítica Cultural do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural da Universidade do Estado da Bahia*, Alagoinhas: Fábrica de Letras/UNEB, v. 5, n. 1, jan./jul. 2015.
- ULLMANN, S. *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964, 5.ed.
- VANDELOISE, Claude. *Spatial prepositions: A case study from French*. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.

Enviado: 31/12/2016.

Revisado: 10/01/2017.

Aceito: 15/01/2017.

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), v. 3, n. 1, 2017.